

ENTRE CONCÍLIOS E CONDADOS: AS DISPUTAS ENTRE NORMANDOS E ANGEVINOS NA CONTROVÉRSIA EUCARÍSTICA DO SÉCULO XI

BETWEEN COUNCILS AND COUNTIES: THE DISPUTES BETWEEN
NORMANS AND ANGEVINS IN THE 11TH-CENTURY EUCHARISTIC
CONTROVERSY

Diego Aparecido de Souza Pereira

Universidade Estadual de Campinas

dieggpereira@gmail.com

Resumo: A controvérsia eucarística do século XI foi uma disputa acerca da definição sacramental da eucaristia iniciada por meio dos questionamentos do arcebispo de Angers, Berengário de Tours. Para ele, a explicação da transformação eucarística passava pelas realidades espiritual e intelectual, não podendo ser carnal – o que, em um contexto anterior à definição de transubstanciação, gerou grandes debates, tratados e condenações. Berengário, porém, não era apenas um clérigo dado a definições teológicas. Sua função como arcebispo o ligava diretamente ao *entourage* do condado de Anjou, crescente desde meados do século X e rival da Normandia, ducado no qual foram produzidos os principais textos contrários à definição berengariana. A intenção deste artigo é explorar a expansão angevina, as disputas com os normandos e os conflitos entre bispos, condes, duques e reis que tiveram papel central no desenvolvimento da querela.

Palavras-chaves: Berengário de Tours; Controvérsia Eucarística; Disputas condais.

Abstract: The 11th-century Eucharistic controversy was a dispute over the sacramental definition of the Eucharist, sparked by questions raised by Berengar of Tours, the archdeacon of Angers. For him, the explanation of the Eucharistic transformation involved spiritual and intellectual realities and could not be carnal – an interpretation that, in a period preceding the formal definition of transubstantiation, provoked significant debates, treatises, and condemnations. However, Berengar was not merely a cleric concerned with theological definitions. His role as archdeacon connected him directly to the *entourage* of the county of Anjou, which had been expanding since the mid-10th century and was a rival of Normandy, the duchy in which the main texts opposing Berengar's view were produced. This article aims to explore the Angevin expansion, the disputes with the Normans, and the conflicts between bishops, counts, dukes, and kings, which played a central role in the development of this controversy.

Keywords: Berengar of Tours; Eucharistic Controversy; County disputes

Entre o final do ano de 1049 e o início de 1050, o arcebispo de Angers, Berengário de Tours (c. 1000 - 1088), escreveu uma pequena carta a Lafranco (c. 1005 - 1089), prior de Bec, a respeito de sua interpretação do sacramento da eucaristia. O autor contestava a condenação a escritos do século IX, segundo os quais

a presença de Cristo no pão e no vinho não se daria de maneira carnal, mas simbólica – o que não a tornaria menos real. O envio desse texto marcou o início da chamada “controvérsia eucarística”, ou “berengariana”, que perdurou até cerca de 1079 e durante a qual o arcebispo foi condenado diversas vezes.

Ao longo dos trinta anos de debate, Berengário e seus principais opositores, como Lanfranco, Guitmundo de Aversa (? - c. 1090), Durand de Troarn (c. 1012 - 1089) e Alberico de Montecassino (c. 1030 - c. 1105), produziram tratados teológicos que buscavam explicar a forma pela qual Cristo se faria presente nas espécies eucarísticas, algo ainda não definido como *transsubstanciação* – termo que aparecerá apenas em 1215, com o concílio de Latrão IV. A definição do principal sacramento da Igreja era de central importância e envolveu clérigos, mestres de escola e o próprio papado, mas também esteve intrinsecamente ligada aos senhores laicos e às disputas regionais.

Neste artigo, propomos explorar outros fatores que parecem determinantes para o desenrolar da querela além das discordâncias teológicas. Trataremos da expansão do condado de Anjou entre os séculos X e XI para que possamos, assim, compreender em qual contexto político as diferenças doutrinárias emergiram. Buscaremos evidenciar as relações dos mestres com bispos, condes, duques e reis, de modo a expandir a análise dos principais eventos da controvérsia e situá-los em um contexto mais amplo.

A ênfase na política regional não tem a intenção de subvalorizar discordâncias teológicas e conflitos conciliares tão bem investigados em obras centrais sobre a querela como *Lanfranc et Bérenger: la controverse eucharistique du XI^e siècle*, de Jean de Montclos, ou *Theology, Rhetoric, and Politics in the Eucharistic Controversy*, de Charles Radding e Francis Newton. Pretendemos, porém, explorar os caminhos indicados por historiadores como Margaret Gibson e Robert Ian Moore, para os quais o sucesso e o fracasso de Berengário estariam completamente associados à sua origem – “as circunstâncias locais é que determinaram sua sorte,

para o bem e para o mal”¹ – e à sua identificação com o poder condal – “por trás dos mestres, geralmente bem escondidos dos olhos modernos, estavam os patronos políticos para quem eles agiam, ou eram tratados, em algum grau, como representantes e substitutos”.² Como destacam Clare Monagle e Constant Mews, “a disputa entre Anjou e a Normandia por Le Mans é central para entender não apenas a controvérsia em torno de Berengário, mas a evolução mais ampla do movimento de reforma, de caráter monástico e pró-normando, no final do século XI”.³

Deste modo, reconstituiremos o universo de conflitos e alianças na região a partir, principalmente, dos trabalhos de Louis Halphen, *Le comté d’Anjou au XI^e siècle* (1906), e Olivier Guillot, *Le comte d’Anjou et son entourage au XI^e siècle* (1972). As obras foram escolhidas por serem as principais referências para os estudos do condado de Anjou no período e por analisarem uma série de documentos diversos, como atas, epístolas, gestas, crônicas e anais.⁴ Contudo, no que concerne especificamente ao trabalho de Halphen e aos evidentes limites de uma obra centenária, optamos por utilizá-lo conjuntamente ao trabalho de Guillot que contou com um acréscimo significativo de documentos em relação a seu predecessor e pôde,⁵ assim, expandir sua análise e apontar correções.⁶

¹ GIBSON, Margaret. Letters and charters relating to Berengar of Tours. In: GANZ, Peter; R. B. C. Huygens; NIEWÖHNER, Friedrich (Ed.). *Auctoritas Und Ratio: Studien Zu Berengar Von Tours*. Wiesbaden, 1990, p. 10.

² MOORE, R. I. *The War on Heresy*. 1st edition. Cambridge, Mass: Harvard University Press, 2012, p. 29.

³ MEWS, Constant J.; MONAGLE, Clare. Theological Dispute and the Conciliar Process 1050–1150. From Berengar of Tours to Gilbert of Poitiers. In: *Theological Dispute and the Conciliar Process 1050–1150. From Berengar of Tours to Gilbert of Poitiers*. De Gruyter Oldenbourg, 2015, p. 132.

⁴ Entre o corpus documental dos autores é possível citar crônicas compostas entre os séculos XI e XII – como *Gesta consulum Andegavorum*, *Gesta Ambaziensium dominorum* e *Histoire de Saint-Florent de Saumur* – e também coleções de cartas e anais, além de genealogias e obituários do período. Cf. HALPHEN, Louis. *Le comté d’Anjou au XI^e siècle*. Paris: A. Picard et Fils, Éditeurs, 1906, p. VI-XVII e GUILLOT, Olivier. *Le comté d’Anjou et son entourage au XI^e siècle*. Paris : Éditions A. Picard, 1972, p. XIX-XXIV.

⁵ Guy Fourquin destaca os principais incrementos documentais dos quais se beneficiou Guillot: 141 atas relativas a condes além das anteriormente catalogadas por Halphen e três vezes mais atas relativas ao *entourage* condal, além de novas crônicas e de colocar sob suspeita 28 atas condaís, das quais apenas 14 haviam sido sinalizadas por Halphen. FOURQUIN, Guy. Guillot (Olivier). *Le comte d’Anjou et son entourage au XI^e siècle*. *Revue belge de Philologie et d’Histoire*, v. 53, n. 3, p. 943–948, 1975, p. 944.

⁶ A respeito das correções providas por Olivier Guillot e da importância ainda grande do trabalho de Louis Halphen, Thomas Bisson escreve: “*This is not to say that Halphen’s conclusions have been entirely overturned. On the contrary, despite an unsurprising number of specific corrections and*

Expansão de Anjou sob Fulco III e Godofredo II⁷

Louis Halphen inicia seu estudo pela sucessão do conde Godofredo I por seu filho Fulco III (970 - 1040), em 987, tendo em vista que sob Fulco, Anjou viveu um período “de grande crescimento e desenvolvimento interno”.⁸ Tal crescimento é evidenciado, segundo Halphen, pela construção de fortificações ao longo dos anos, iniciada já nos primeiros atos do governo de Fulco.

A postura do jovem conde – ao suceder o pai, Fulco tinha 17 anos de idade – se explica, segundo Bernard Bachrach, por uma necessária luta por sobrevivência.⁹ Quando assumiu o condado, Nerra estava cercado por senhores mais poderosos e com domínios mais vastos que os seus, como é o caso de Odo I, conde de Blois, Tours, Chartres, Châteaudun e Meaux. “A política de Odo no Oeste da França foi de expansão no vale do Loire às custas dos angevinos”.¹⁰

Como resposta ao expansionismo de seus vizinhos, Fulco deu início a uma série de batalhas cujas conquistas eram asseguradas pela construção de fortalezas. Seu principal objetivo era fortalecer suas relações em dois eixos, sendo o primeiro deles relativo aos condados de Blois e Vendôme, a leste e em direção aos domínios reais, e o segundo a oeste e ao sul, com foco nas cidades de Nantes e Poitiers, no ducado da Aquitânia.¹¹ Outra região de grande importância para Fulco era o condado do Maine, território ao norte e intermediário entre Anjou e a Normandia. De acordo com Olivier Guillot, uma das grandes ações expansionistas de Fulco foi ter

revisions, the lucid conception of a comital authority built by Foulques Nerra and Geoffroy Martel only to be threatened and then to crumble under Geoffroy le Barbu and Foulques le Réchin is largely sustained by the new work. Although one would no longer want to rely on Halphen alone, his book remains the best introduction to the early history of Anjou, and not least because it is much more readable than Guillot's. Where the new book has significantly improved on Halphen's is in its author's enlarged conception of the subject. For Guillot it is not so much a matter of secular power and administration per se as of strong men and their interests: of le comte d'Anjou et son entourage, in the words of his subtly revisionist title". BISSON, Thomas N. *Le comte d'Anjou et son entourage au XIe siècle*, by Olivier Guillot. *Canadian Journal of History*, v. 9, n. 2, p. 202–204, 1974, p. 202.

⁷ Para auxiliar o leitor na localização dos condados citados nesta seção, cf. *infra*, p. 24, Mapa 1: A França em 1030.

⁸ HALPHEN, Louis. *Op. cit.*, p. 9-10.

⁹ BACHRACH, Bernard S. *Fulk Nerra, the Neo-Roman Consul, 987-1040: a political biography of the Angevin Count*. London: University of California Press, 1993, p. 27.

¹⁰ *Ibid.*, *loc. cit.*

¹¹ GUILLLOT, Olivier. *Le comté d'Anjou et son entourage au XIe siècle*. Paris : Éditions A. Picard, 1972, p. 21.

em seu conde um vassalo.¹² Esse domínio, ainda que não tenha auxiliado o conde em seus principais objetivos, será importante anos mais tarde exatamente pela oposição aos normandos.

O início das batalhas de Fulco Nerra se deu logo em 990. Após o falecimento, sem herdeiros diretos, do conde de Nantes, Fulco travou disputa pelo território com o conde de Rennes, Conan; dois anos depois, após diversas batalhas, o conde angevino saiu vitorioso, designando Judicael, seu aliado, para a governança dos domínios. As batalhas na fronteira ocidental, no entanto, provocaram novas hostilidades com condes vizinhos, desta vez em Blois, ao que Fulco respondeu construindo novas fortificações, em Langeais.¹³ O conflito com o conde Eude se estendeu por poucos anos, uma vez que ele faleceu pouco tempo depois, em 996, deixando a esposa Berthe e dois filhos. Após a morte do conde, Fulco se aproveitou da fragilidade do território e invadiu Blois e a cidade de Tours.¹⁴ A condessa viúva, no entanto, casou-se no mesmo ano com Roberto, filho do rei Hugo Capeto, que ascendeu ao trono meses depois e recuperou os territórios outrora perdidos e o castelo de Langeais.¹⁵

Nossa breve passagem pelos dez anos iniciais do condado sob Fulco ilustram de maneira significativa as relações políticas estabelecidas na região. Não serão raros, nos anos seguintes, conflitos entre condados, ducados e até bispados, ora com alianças, sejam reais ou imperiais, ora isolados. Em 1016, por exemplo, Eude II (um dos herdeiros que Eude de Blois havia deixado) investiu contra Montrichard, fortaleza a leste de Tours sob domínio de Anjou, e foi contido por Fulco em uma batalha que contou com o apoio do conde do Maine, Herbert.¹⁶ No ano seguinte, com apoio do rei francês, Fulco guiou a construção de Montboyeau, fortaleza a poucos quilômetros de Tours, e saqueou, com ajuda do bispo Huberto de Angers, a catedral

¹² *“En tout cas, il est probable que le phenomene s’etait deja accompli en 1016, lors de la bataille de Pontlevoy: le comte du Maine, Herbert Eveille Chien, preta son concours au comte d’Anjou a cette occasion, tel un vassal”*. *Ibid.*, loc. cit.

¹³ HALPHEN, Louis. *Op. cit.*, p. 26.

¹⁴ *Ibid.*, p. 29.

¹⁵ GUILLOT, Olivier. *Op. cit.*, p. 24-5.

¹⁶ HALPHEN, Louis. *Op. cit.*, pp. 33-35.

da cidade.¹⁷ O conflito entre Anjou e Blois se estendeu por longos anos e contou com alguns intervalos de paz, como entre 1026 e 1027 – ano em que a trégua foi rompida por um ataque de Eude II a Amboise, a leste de Tours – e a partir de 1044, ano em que a região de Tours passou a fazer parte de Anjou.

É nesse contexto de alianças e disputas territoriais que se dá a ascensão de Godofredo Martel, ainda antes de suceder seu pai. Entre os anos de 1031 e 1032, a aliança com o rei francês o levou a se tornar conde de Vendôme e, pouco mais tarde, por meio de seu casamento com Agnes (c. 995 - 1068), viúva de Guilherme V da Aquitânia, Godofredo estendeu ainda mais sua autoridade. Possivelmente, ambicionava as regiões de Blois e da Borgonha, além de almejar exercer influência sobre a Itália e até sobre o Império.¹⁸ Com dificuldades para que a Igreja aceitasse seu casamento – havia uma alegação de que ele e Agnes seriam primos de terceiro grau –, Godofredo enfrentou também conflitos na Aquitânia com o primogênito de Guilherme V, que pretendia assumir o condado após a morte do pai, e com o próprio Fulco de Anjou, seu pai e antigo aliado da Aquitânia.¹⁹ Nos anos seguintes, Godofredo Martel saiu vitorioso deste e de outros conflitos, mas a derrota para Gervásio (1007 - 1067), bispo de Le Mans, em 1039, o fez recuar e submeter-se novamente a Fulco,²⁰ de quem herdou Anjou no ano seguinte.²¹

Ao assumir o condado em 1040, Godofredo encontrou uma situação mais favorável que a de seu pai. Com mais experiência nas disputas com os vizinhos, o conde enfrentou em seus primeiros anos a oposição do rei francês Henrique I (1008 - 1060) e a aliança deste com os normandos. Como resposta, Godofredo buscou criar laços com o imperador Henrique III (1016 - 1056). Estas disputas se prolongaram por duas décadas e, segundo Guillot, tiveram três fases: a primeira, entre 1043 e 1048, teria um viés diplomático e comportaria as alianças de Henrique I contra os interesses de Godofredo no condado do Maine; a segunda, entre 1049 e 1052, seria militar e marcada pelo ataque de Guilherme I (c. 1028 - 1087), duque normando, e

¹⁷ *Ibid.*, p. 37-38.

¹⁸ GUILLOT, Olivier. *Op. cit.*, p. 46.

¹⁹ HALPHEN, Louis. *Op. cit.*, pp. 57-60.

²⁰ *Ibid.*, p. 60.

²¹ GUILLOT, Olivier. *Op. cit.*, p. 55.

Henrique I contra Anjou; a terceira fase, entre 1052 e 1060, se caracterizaria pela oposição entre normandos e angevinos com a reorganização das alianças: neste momento, o rei francês passou a apoiar Godofredo por temer as ambições de Guilherme.²²

A oposição entre angevinos e normandos teve no território do Maine um de seus palcos principais uma vez que o território separava os domínios de Godofredo e de Guilherme. Além das fronteiras em si, o Maine era importante devido à diocese de Le Mans, parte fundamental da estrutura de poder do condado e, por isso, também alvo das ambições angevinas. Durante o bispado de Gervásio, entre os anos 1030 e 1040, as relações com o condado de Anjou se tornaram mais hostis e deram origem a uma curta guerra.²³

O conflito com o bispo de Le Mans tem origem na reorganização política do condado do Maine, em 1036. Após a morte do conde Herbert, seu filho Hugo III o sucedeu e, ao mesmo tempo, o bispo de Le Mans, Avesgaud, foi sucedido por seu sobrinho Gervásio, senhor de Château-du-Loir. Em um primeiro momento, Herbert Bacon, tio e tutor de Hugo III, proibiu o acesso de Gervásio a Le Mans, o que provocou a ira do então bispo, que invadiu a região e expulsou Herbert, governando em nome do conde, que ainda não havia alcançado a maioridade. Godofredo foi chamado a intervir por ambos os lados e, ainda em guerra com seu próprio pai, tomou partido de Herbert e marchou contra Gervásio, que o derrotou.²⁴ Após um acordo de paz e a cessão de alguns domínios pelo conde de Anjou, o bispo aprisionou Herbert em um monastério e entrou definitivamente em Le Mans em 1038, colocando Hugo III sob sua influência.²⁵ Tempo depois, Gervásio organizou o casamento do conde Hugo com Berthe, viúva de Alain da Bretanha, e irmã de Thibaud de Blois, pior inimigo de Godofredo. Em resposta, o conde de Anjou tentou invadir Château-du-Loir e, mesmo falhando em sua iniciativa inicial, conseguiu aprisionar o bispo por volta de 1047 ou

²² *Ibid.*, p. 56.

²³ BARTON, Richard Ewing. *Lordship in the County of Maine, C. 890-1160*. Woodbridge: Boydell Press, 2004, p. 49.

²⁴ HALPHEN, Louis. *Op. cit.*, p. 69.

²⁵ *Ibid.*, p. 70.

1048.²⁶ Após ficar cerca de sete anos aprisionado em Anjou, Gervásio foi transferido para a diocese de Reims em 1055.²⁷

A preocupação de Godofredo com a ascensão de Gervásio se justifica pelos papéis e pelas alianças do bispo. De acordo com Richard Barton,

Gervásio foi um produto direto do novo estilo de senhorio que surgiu por volta da virada do milênio; ele era senhor por direito próprio do Château-du-Loir, um dos primeiros castelos não-condais conhecidos construído no Maine. Gervásio poderia assim combinar os recursos e o prestígio do bispado com os poderes militares e financeiros de um dos novos senhorios territoriais. Esta foi uma combinação feliz.²⁸

Paralelamente, a relação de Godofredo com o rei Henrique I havia se tornado tão distante que abrisse espaço para o duque Guilherme da Normandia. Isso porque, em 1043, Godofredo estabeleceu uma aliança com o imperador Henrique III por meio do casamento da filha de sua esposa, ambas de nome Agnes, com ele. A partir de então, o rei francês se afastou politicamente de Anjou e, segundo Olivier Guillot, Godofredo Martel se tornou o inimigo mais notável do reino.²⁹ Foi justamente para se opor ao conde que Henrique I se aproximou de Guilherme, interessado em expandir a influência normanda sobre o Maine.³⁰

Para o rei, havia ali algo como uma garantia dupla: ela assegurava que o conde de Anjou, ocupado em uma campanha interminável no Maine – especialmente em torno de Château-du-Loir, a fortaleza de Gervásio, que ele só conseguiria tomar muito mais tarde – não empreenderia nada grave contra ele; mas também garantia que qualquer sucesso claro do nosso conde levaria o duque da Normandia a desejar ainda mais derrubá-lo, juntamente com ele [, o rei]. Nesse caso, além de uma lealdade que o direcionava principalmente para a Casa de Blois, o bispo Gervásio, proveniente da Casa de Bellême, via-se providencialmente ligado às duas autoridades que compartilhavam principalmente a influência sobre essa Casa quando não estavam em disputa, o rei da França e o duque da Normandia.³¹

²⁶ *Ibid.*, p. 71.

²⁷ BARTON, Richard Ewing. *Op. cit.*, p. 50.

²⁸ *Ibid.*, p. 49.

²⁹ GUILLOT, Olivier. *Op. cit.*, p. 63.

³⁰ HALPHEN, Louis. *Op. cit.*, p. 71.

³¹ GUILLOT, Olivier. *Op. cit.*, p. 68.

Além de costurar alianças com os normandos, Henrique I também pretendia minar possíveis apoios de Godofredo. Em 1048, por exemplo, o rei se utilizou da disputa com Henrique III sobre a Lotaríngia para negociar o apoio imperial a Godofredo. De acordo com Jean Dhondt, a intenção de Henrique I era negociar a saída de Henrique III dos conflitos angevino-normandos, de modo a deixar aberto o caminho para o duque Guilherme e para si próprio.³²

Tudo indica, portanto, que o trabalho diplomático realizado pelo rei havia sido concluído completamente até o final de 1048. Nesta data, Godofredo Martel tinha mais um inimigo, e um significativo, na pessoa de Guilherme da Normandia, e ele havia perdido a aliança do Imperador. Para Henrique I, em breve seria hora de atacar.³³

Deste modo, entre 1048 e 1051 foram travadas diversas batalhas, ora conquistando territórios para Anjou, ora para a Normandia. Os primeiros esforços de Henrique I se deram precisamente entre o final de 1048 e o início de 1049, período de convocação do Concílio de Reims, do qual trataremos adiante. Reunindo uma armada, Henrique invadiu a região de Tours para conter o que foi chamado de “rebelião” de Anjou.³⁴ O rei se estabeleceu em Sainte-Maure, em Tours, e Godofredo, que estava no Maine, foi a seu encontro.³⁵ Não conhecemos detalhes a respeito da batalha, mas sabemos que o conde angevino estava isolado. Como afirma Louis Halphen,

A situação de Godofredo Martel era crítica: o papa o havia

³² “L'empereur était bien plus intéressé encore à une heureuse issue des négociations, car si pour le roi de France il y allait d'un vassal, puissant certes, mais non vainqueur, Henri III se voyait à un fil de perdre la Lotharingie. Aussi, s'il a sans doute argué de l'arme que constituait pour lui l'amitié angevine, il a surtout dû s'efforcer de détacher le roi de France du parti des insurgés. Pour ce faire il lui a offert une partie de la Lotharingie, outre vraisemblablement la promesse d'abandonner le comte d'Anjou à son sort. Cette dernière stipulation n'est qu'une hypothèse de notre part mais on peut prouver l'existence de la première. Disons d'ailleurs tout de suite que l'empereur n'a jamais exécuté cette clause, ainsi qu'il apparaîtra plus loin”. DHONDT, Jean. Henri Ier, l'Empire et l'Anjou (1043-1056). *Revue belge de Philologie et d'Histoire*, v. 25, n. 1, p. 87-109, 1946, p. 99.

³³ GUILLOT, Olivier. *Op. cit.*, p. 69.

³⁴ HALPHEN, Louis. *Op. cit.*, p. 73. “Et surtout, comme on apprenait au même moment que la ‘rébellion’ menaçait le royaume, on entendait réunir toutes les forces dont disposait le roi, c'est-à-dire, en plus des grands laïques, les seigneurs ecclésiastiques, pour la mater par une campagne générale, et l'on savait bien que ce moyen là serait préférable au concile de Reims. Depuis déjà longtemps, les historiens ont interprété les termes un peu vagues du moine Anselme comme une allusion à la rébellion de Geoffroy Martel”. GUILLOT, Olivier. *Op. cit.*, p. 69.

³⁵ HALPHEN, Louis. *Op. cit.*, p. 74.

excomungado por sua conduta em relação ao bispo Gervásio; um concílio reunido em Tours, perante o qual o conde havia feito comparecer este último e tentado se justificar, parecia não ter tido sucesso; Château-du-Loir havia resistido a todos os ataques; os habitantes de Le Mans, liderados por seu conde, estavam revoltados.³⁶

Além disso, em 1050, Godofredo repudiou Agnes, rompendo seus laços com Henrique III. “Por volta de 1050, sem dúvida porque não tiveram filhos, Godofredo a repudiou, e a situação mudou abruptamente a partir desse dia; de aliados, Agnes e seus filhos tornaram-se inimigos do conde de Anjou”.³⁷ Agora, somavam-se aos inimigos de Godofredo, além de Guilherme e Henrique I, o ducado da Aquitânia, o condado de Poitiers e a imperatriz Agnes.

A situação precária de Godofredo mudou em 1052. Em primeiro lugar, o conde do Maine faleceu e sua viúva e filhos foram para a Normandia, deixando o território a disposição do conde de Anjou. Em seguida, Godofredo negociou a soltura de Gervásio. Em troca da liberdade, o bispo deveria abandonar Château-du-Loir e se manter neutro no conflito entre Henrique e Godofredo,³⁸ o que não aconteceu. Após ser solto, Gervásio partiu para a Normandia ao encontro de Guilherme e trabalhou para impedir as negociações de Godofredo e Henrique, que estavam prestes a selar a paz. Sem sucesso, o bispo permaneceu em territórios normandos até ser transferido para a arquidiocese de Reims em 1055.³⁹ Para seu lugar em Le Mans, Godofredo indicou um angevino de nome Bougrin.⁴⁰

De volta a Anjou, Henrique e Godofredo se reuniram novamente em Sainte-Maure, palco da batalha de três anos antes, para formar uma aliança em 15 de agosto de 1052.⁴¹ As causas da mudança tão brusca de Henrique se dariam, segundo Guillot, pelo apaziguamento no condado do Maine, devido à morte do conde anterior e da

³⁶ *Ibid.*, loc. cit.

³⁷ *Ibid.*, p. 61.

³⁸ “Gervais, découragé, consentit alors, pour obtenir son élargissement, à en passer par les conditions que Geoffroi voulut lui imposer: il abandonnait Château-du-Loir pour sa rançon et s'engageait à rester sous la garde d'un seigneur de son choix, tant que la lutte durerait entre le comte et le roi, et à observer la neutralité dans la suite; à ces conditions, une fois la paix faite, Geoffroi promettait de le laisser reprendre possession de son siège épiscopal”. *Ibid.*, p. 75.

³⁹ *Ibid.*, p. 80.

⁴⁰ *Ibid.*, p. 79.

⁴¹ GUILLOT, Olivier. *Op. cit.*, p. 75.

libertação do bispo Gervásio, e do crescente temor de Henrique quanto aos intentos de Guilherme, duque normando.⁴² Longe de propor uma extensão de sua antiga aliança, o rei buscou em Godofredo um novo aliado e fez de Guilherme seu novo inimigo.

Com uma mobilidade surpreendente, o rei, em 1052, mudou radicalmente seu sistema de alianças no oeste da França: se fez a paz com o conde de Anjou nesta data, é para logo em seguida lutar, com o apoio cada vez mais declarado, contra o aliado de ontem, Guilherme da Normandia. Trata-se de uma mudança duradoura, já que, até a morte de Henrique I, próximo da do conde Godofredo Martel (em 1060, respectivamente em 4 de agosto e 14 de novembro), a mesma aliança entre o conde e o rei contra o duque permanecerá, em última análise.⁴³

A partir de então, com novas alianças estabelecidas, a querela tomará outro rumo. Como veremos a seguir, o período entre 1048 e 1052 – especialmente por conta dos conflitos de Godofredo com Gervásio e com Henrique/Guilherme – foi de fundamental importância para as primeiras condenações de Berengário e para a consolidação das teses de seus principais adversários. Para que possamos analisar os primeiros concílios e o tratamento conferido por eles à *causa angevina*,⁴⁴ trataremos a seguir dos papéis assumidos por Berengário enquanto parte do *entourage* do condado.

Berengário de Tours e a identificação com o condado angevino

São poucos os registros a respeito do início da vida de Berengário em Anjou. Supõe-se que tenha nascido por volta do ano 1000 na região de Tours e que tenha vivido sempre no condado angevino. De família abastada e influente,⁴⁵ teve sua

⁴² “La chose a été rendue possible, d'une part, parce que Geoffroy Martel a su consolider et régulariser sa situation dans le Maine, et que de l'autre, renonçant à maintenir plus longtemps son union avec Agnès, il a divorcé et accepté par là de rompre définitivement avec l'Empereur. La paix était devenue, dès lors, souhaitable pour le roi que menaçait déjà l'ambition du duc de Normandie”. *Ibid.*, loc. cit.

⁴³ *Ibid.*, p. 80.

⁴⁴ BOSCH, Rafael. *Hereges dialéticos: um estudo sobre a escolástica nos séculos XI e XII*. 2021. 456 f. Tese (Doutorado) - Curso de História, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2021, p. 175.

⁴⁵ Rafael Bosch relata doações significativas do irmão de Berengário e que seu tio possuía terras. Cf. *Ibid.*, p. 36 e MACDONALD, Allan John. *Berengar and the Reform of Sacramental Doctrine*. London: Longmans, Green, 1977, p. 6.

educação em Chartres, sob o bispo Fulberto, e em seguida assumiu as atividades de gramático e mestre de escola na catedral de São Martinho, em Tours, provavelmente entre os anos de 1030 e 1040.⁴⁶ Através das atividades de ensino, Berengário angariou alunos e tornou-se conhecido no circuito dos mestres das escolas-catedrais, espaços costumeiramente citados pelos mestres adversários ao tratar dos seguidores do mestre angevino. Somado a isso, porém, Berengário assumiu funções na diocese de Angers, sendo referido na documentação como arcediogo pelo menos duas vezes, em 1040⁴⁷ e 1046.⁴⁸ Além de arcediogo, Berengário também ocupou o cargo de tesoureiro da catedral de São Maurício, tendo sido nomeado para a função entre 1045 e 1046.⁴⁹

De acordo com Steve Fanning, pelo menos desde o ano de 966, o corpo administrativo da diocese de Angers contava com três arcediagos. A partir 1006, ano em que, por indicação de Fulco Nerra, Huberto foi investido bispo de Angers, um dos arcediagos passou a exercer também o cargo de tesoureiro da catedral. “Assim como sob seus antecessores, a catedral do bispo Huberto era administrada por um deão, três arcediagos, um tesoureiro (que, sob a administração de Huberto, era sempre um dos arcediagos) e um cantor”.⁵⁰

Berengário assumiu as funções na diocese exatamente durante o período do bispado de Huberto. Suas indicações, primeiro como arcediogo e depois como arcediogo-tesoureiro, apontam para o aumento de seu prestígio junto ao bispo, uma vez que “o homem que ocupava o cargo de arcediogo-tesoureiro da catedral de Angers estava mais intimamente ligado a Huberto do que qualquer outro clérigo”.⁵¹ Fanning aponta ainda que a função do arcediogo-tesoureiro era tão importante na administração diocesana que possivelmente ele era enviado para resolver conflitos do clero local como representantes do bispo.⁵² Além disso, à tesouraria cabiam

⁴⁶ GIBSON, Margaret. *Letters and Charters Relating to Berengar of Tours*. *Op. cit.*, p. 10.

⁴⁷ *Ibid.*, p. 8.

⁴⁸ FANNING, Steven. *A Bishop and his World before the Gregorian Reform: Hubert of Angers, 1006-1047*. Philadelphia: The American Philosophical Society, 1988, p. 67-68.

⁴⁹ *Ibid.*, p. 68.

⁵⁰ *Ibid.*, p. 67.

⁵¹ *Ibid.*, p. 69.

⁵² *Ibid.*, *loc. cit.*

incumbências condais, como as de defesa. Cabe aqui citar, por exemplo, um evento de 1027 descrito por Louis Halphen:

Foi em vão que, no decorrer do ano de 1027, Eude tentou se vingar com um ataque surpresa: enquanto pensavam que ele estava ocupado em outro lugar, ele atacou Amboise na companhia do jovem rei Henrique; no entanto, ele não teve a mesma sorte que Fulco em Saumur. A cidade estava bem defendida pelo tesoureiro de São Martinho de Tours, Sulpice, que havia construído uma grande torre de pedra: Eude teve que recuar e retornar a Blois.⁵³

Ainda que o excerto trate alguns de anos anteriores à atuação de Berengário, é interessante notar o papel desempenhado por Sulpice, tesoureiro da catedral de São Martinho, na defesa de Amboise. Não seria difícil imaginar que Berengário, pouco mais de uma década depois, tivesse encargos similares aos de seu antecessor. Além disso, Fanning e Halphen também destacam que frequentemente os mestres de escola, escribas ou chanceleres eclesiásticos⁵⁴ assumiam funções próximas às de um chanceler do condado: “o bispo Huberto garantiu que alguns dos mestres de escola se envolvessem no cargo de chanceler. Sob o bispo Renaud II, o cargo de chanceler era ocupado por um arcediogo. Huberto continuou essa prática na primeira metade de seu episcopado”.⁵⁵

Sabemos que isso também se aplicava no anos de Berengário. O arcediogo aparece, por exemplo, ao lado de seu colega Renaud, também arcediogo, como autor de uma carta assinada por Fulco Nerra.⁵⁶ São conhecidas as ocasiões em que Berengário faz uso de seu posto para escrever em nome do conde Godofredo para defender a si mesmo⁵⁷ e há ainda diversos registros de cartas do bispo Eusébio Bruno (? – 1081), sucessor de Huberto, escritas por seu subordinado.⁵⁸ Gibson acrescenta que a missão de arcediogo era auxiliar o trabalho pastoral do bispo e que, além disso, Berengário teve apoio legal e financeiro do clero rural de Angers.⁵⁹

⁵³ HALPHEN, Louis. *Op. cit.*, p. 44.

⁵⁴ *Ibid.*, p. 106.

⁵⁵ FANNING, Steven. *Op. cit.*, p. 71.

⁵⁶ HALPHEN, Louis. *Op. cit.*, p. 106, n. 4.

⁵⁷ MONTCLOS, Jean de. *Lanfranc et Bérenger: la controverse eucharistique du XI siècle*. Leuven: Spicilegium Sacrum Lavoniense, 1971, p. 165.

⁵⁸ GIBSON, Margaret. *Letters and Charters Relating to Berengar of Tours*. *Op. cit.*, p. 11.

⁵⁹ *Ibid.*, p. 9.

As funções episcopais não estavam, contudo, à parte das relações laicas de poder. Ao tratar da organização administrativa do condado, Louis Halphen indica que o conde tinha sob si não apenas os senhores, mas também o clero.⁶⁰ O bispo de Angers era cuidadosamente escolhido, assim como os abades de grande parte dos monastérios – e, para o caso dos que realizavam eleições, os nomes passavam pelo conde antes da consagração.⁶¹ Além disso, o alinhamento não se dava somente na investidura, mas também na prática cotidiana dos clérigos escolhidos. Vejamos, por exemplo, o caso de Huberto: como bispo de Angers, indicou diversos clérigos para ofícios na catedral de São Martinho, em Tours – entre eles o próprio Berengário, para mestre de escola – mesmo antes de 1044, ano em que Godofredo conquistou a região.⁶² Deste modo, ainda que antes da conquista de Tours por Anjou a diocese estivesse sob outros senhores, a influência angevina já se fazia presente por meio da atuação episcopal.

Halphen acrescenta que o conde não era estranho às indicações dos principais dignitários da diocese – o autor cita Berengário nominalmente⁶³ – e que as atuações dos bispos de Angers, Huberto de Vendôme (de 1006 a 1047) e Eusébio Bruno (entre 1047 e 1081), exemplificam a fidelidade do clero angevino ao seu governante. Segundo Halphen, Huberto foi aliado de Fulco contra Eude II de Blois e, para isso, marchou contra seu próprio superior eclesiástico, o arcebispo de Tours, Hugo.

Finalmente, sua influência [de Fulco] certamente não é estranha à escolha dos principais dignitários da diocese: ao lado de clérigos eminentes como Bernardo, autor dos *Milagres de Santa Foy*, como Renaud, o gramático, ou Berengário de Tours, vemos em altas funções eclesiásticas figuras como Gui, senhor do Lion d'Angers, ou Bouchard, senhor de Briollay, dos quais pelo menos um passou a maior parte do tempo lutando em nome de seu suserano. Um clero assim só poderia ser dócil: é o que a história de Huberto de Vendôme e de Eusébio Bruno, seu sucessor, demonstra com clareza perfeita. Huberto tornou-se aliado de Fulco Nerra na guerra contra Eude II de Blois; ele até ousou avançar contra seu superior

⁶⁰ HALPHEN, Louis. *Op. cit.*, p. 113.

⁶¹ *Ibid.*, p. 115.

⁶² FANNING, Steven. *Op. cit.*, p. 60.

⁶³ HALPHEN, Louis. *Op. cit.*, p. 116.

eclesiástico, o arcebispo de Tours, Hugo.⁶⁴

O alinhamento de Eusébio, é ainda mais importante para nossa análise. Contando com o apoio de Berengário, o bispo tentará defender Anjou frente ao papa no caso da prisão do bispo Gervásio por Godofredo.⁶⁵ Será nesse contexto que as teses de Berengário serão julgadas pela primeira vez e que o mestre receberá suas primeiras condenações conciliares, algo que nos parece determinante para o desenvolvimento posterior da controvérsia.

Durante o auge da crise entre o conde Godofredo Martel e o rei Henrique I, aliado do duque Guilherme da Normandia, o papa Leão IX reuniu um concílio na cidade de Reims. Foi no período da convocação do concílio em 1049 que as tropas de Henrique partiram para Tours, enquanto Godofredo saía do condado do Maine em direção à cidade que conquistara cinco anos antes. Como vimos, neste momento o conde angevino mantinha aprisionado o bispo de Le Mans, Gervásio, há pouco mais de um ano. A prisão e os conflitos pelo domínio do condado do Maine, que a antecederam, foram os principais catalisadores da guerra e do conflito com o papado.

Em Reims, Leão IX abriu uma série de concílios que aconteceriam entre 1049 e 1050 em territórios franceses e italianos. Para a empreitada, “Leão viajou com uma comitiva papal completa, algo que poucos de seus antecessores haviam levado através dos Alpes”.⁶⁶ Parte desta comitiva era composta por clérigos normandos, dentre eles Lanfranco de Bec. Essa é, inclusive, a razão pela qual a primeira carta de Berengário a Lanfranco, contestando as discordâncias dele em relação a João Escoto,

⁶⁴ HALPHEN, Louis. *Op. cit.*, p. 117. *Há ainda um caso citado por Fanning que evidencia o alinhamento entre Fulco e Huberto já em 1006, ano de sua investidura, no que se refere ao expansionismo de Anjou: “This was the situation faced by Hubert upon his ordination in June of 1006. Being loyal to Fulk, Hubert had no thought of attempting to overturn the count's resolution of the Mauges controversy. Rather, he accepted the sacking of Bishop Renaud's grants even though they had been fortified by royal and papal confirmations. It does not seem likely that Hubert himself actually carried out these depredations. Fulk would not have waited for over a year with no bishop to oppose him before settling the controversy to his own liking. Hubert would have been presented with a fait accompli. For his own part, Hubert immediately set out to incorporate the Mauges, previously in the diocese of Poitiers and then in that of Nantes, into his own Angevin diocese”.* FANNING, Steven. *Op. cit.*, p. 71. FANNING, Steven. *Op. cit.*, p. 48.

⁶⁵ HALPHEN, Louis. *Op. cit.*, p. 121.

⁶⁶ GIBSON, Margaret. *Lanfranc of Bec*. Oxford: Clarendon Press, 1978, p. 63.

não o tenha encontrado no ducado. O motivo do grande comparecimento normando no concílio se devia, como afirma Rafael Bosch, a dois fatores.

Em primeiro lugar, uma aliança entre a Normandia e Flandres estava prestes a ser concretizada por meio do casamento entre Guilherme, conde da Normandia, e Matilda (c. 1031 - 1083), filha de Balduíno V (1012 - 1067), conde de Flandres. No entanto, tal união vinha sendo criticada pela Igreja e uma posição mais assertiva a respeito disso seria tomada no sínodo, que acabou optando pela condenação do matrimônio. Em segundo lugar, sabia-se que o aprisionamento de Gervásio ali seria discutido e que Godofredo poderia sofrer punições.⁶⁷

Quanto ao interesse normando nas possíveis condenações de Godofredo, cabe lembrar que a aliança de Guilherme com Henrique I vigorou até 1052 e que, neste momento, o duque apoiava o conflito em Tours por nutrir interesse no Maine. Em Reims, o apoio “eclesiasticamente impecável”⁶⁸ dos bispos normandos à causa de Gervásio foi unânime. Leão IX convocou o conde Godofredo ao concílio que se realizaria quinze dias depois em Mayence, para excomungá-lo caso o bispo Gervásio ainda se encontrasse aprisionado.⁶⁹

Ao receber a convocação papal, Godofredo sabia que não poderia atendê-la sem dar brechas para as tropas de Henrique em Anjou.⁷⁰ Do mesmo modo, não aceitava a exigência de libertação de Gervásio, alegando que o bispo insuflava a ingerência de Henrique e Guilherme em suas terras.⁷¹ Em resposta, Godofredo propôs, sem sucesso, que a questão fosse avaliada pelo papa em território angevino ou que, na impossibilidade da viagem do pontífice, fosse submetida ao julgamento de representantes pessoais de Leão ou de um delegado habilitado para a tarefa.⁷² Como prometido, o papa lançou sobre Godofredo a excomunhão e deu um passo além: lançou também um interdito sobre todo o condado de Anjou.⁷³ Tal punição, como explica Jean Leclercq, estabelecia a suspensão dos ofícios divinos no condado.

⁶⁷ BOSCH, Rafael. *Op. cit.*, p. 176.

⁶⁸ GIBSON, Margaret. *Lanfranc of Bec. Op. cit.*, p. 64.

⁶⁹ MONTCLOS, Jean de. *Op. cit.*, p. 62.

⁷⁰ *Ibid.*, p. 62.

⁷¹ BOSCH, Rafael. *Op. cit.*, p. 177.

⁷² MONTCLOS, Jean de. *Op. cit.*, p. 62.

⁷³ *Ibid.*, *loc. cit.*

O interdito é uma pena puramente eclesiástica; consiste, como Adémar de Chabannes afirmará, em tratar o povo como pagão, impondo-lhe uma forma de excomunhão que o priva da alegria de participar nos ofícios religiosos. Mesmo que o clero continue a realizar o culto, o povo não é mais admitido. Essa sanção é aplicada a uma igreja específica ou às igrejas de uma cidade cujo clero ou fiéis, ou um de seus membros, tenham cometido um crime sangrento.⁷⁴

Ainda que a prisão de Gervásio não fosse “um crime sangrento”, como cita Leclercq, a atitude de Godofredo era encarada como uma rebelião isolada no reino francês e que precisava ser contida. Ao receber a notícia das punições, o conde procurou justificar seus atos frente a uma reunião de clérigos angevinos. Eusébio Bruno, por outro lado, começou a preparar a defesa da diocese que há poucos anos herdara de Huberto, e partiu para Roma. Lá chegando, sem ser recebido pelo papa, tentou abrandar as punições por meio de um clérigo intermediário, possivelmente arcebispo, e voltou a Anjou sem obter sucesso.⁷⁵

No ano seguinte, em abril e setembro, Leão IX convocou Godofredo novamente, agora para concílios em Roma e Vercelli, respectivamente. Nestas assembleias, a causa de Godofredo foi somada à de Berengário, agora com mais evidência. Jean de Montclos afirma que, após ter chegado às mãos do mestre em Reims, a carta de Berengário a Lanfranco, foi levada com ele para Roma e tornou a causar discussões na assembleia.⁷⁶ No concílio, o arcediogo foi condenado apenas com base no texto enviado a Lanfranco e convidado, assim como Godofredo, a apresentar sua defesa no encontro de meses depois.⁷⁷

Em viagem desde 1049, o mestre deixou Tours com a intenção de ir para Roma apresentar sua defesa no concílio que acabamos de discutir. No entanto, ele esperava aproveitar a viagem para conseguir a adesão de figuras importantes para sua causa. Assim, ao invés de partir diretamente para o encontro de Leão IX, Berengário passou antes por Préaux e Chartres, cidades nas quais se hospedou por

⁷⁴ LECLERCQ, Jean. L'interdit et l'excommunication d'après les lettres de Fulbert de Chartres. *Revue historique de droit français et étranger* (1922-), v. 22, p. 67-77, 1944, p. 69.

⁷⁵ MONTCLOS, Jean de. *Op. cit.*, p. 62-3.

⁷⁶ *Ibid.*, p. 58.

⁷⁷ *Ibid.*, p. 59-60.

alguns dias e onde discutiu suas teses com outros mestres.⁷⁸ A seguir, partindo da cidade em que estudara, o arcediogo foi buscar o improvável apoio do rei Henrique I. Mesmo sabendo do conflito de Henrique com Godofredo, a intenção de Berengário era conseguir um “salvo conduto”⁷⁹ para a continuidade de sua viagem. Ir ao encontro do rei que atacava seu condado não era absurdo para Berengário, porque Henrique carregava o título de abade da igreja de São Martinho de Tours.⁸⁰ Os resultados da visita, entretanto, obedeceram mais à lógica da guerra do que aos interesses do mestre angevino. Em seu último tratado, escrito em resposta a Lanfranco, Berengário tratou da viagem:

Eu, por reverência ao pontificado romano, empreendi uma jornada até Roma com muito esforço e, para ir com mais segurança, me aproximei do rei da França, abade da igreja da qual eu era clérigo. Nada de errado esperava da dignidade real, nada de inadequado esperava da paternidade do abade. [Não] pensava em descer de Jerusalém a Jericó, mas sim em subir de Jericó a Jerusalém, quando fui aprisionado e despojado de todas as minhas posses.⁸¹

Com a prisão, que se estendeu até o final do ano de 1050, Berengário perdeu novamente a chance de se defender no concílio de Vercelli e teve suas teses condenadas outra vez.⁸² O arcediogo somava duas condenações baseadas unicamente na carta enviada a Lanfranco – que, lembremos, apenas defendia os ensinamentos de João Escoto e os associava aos textos patrísticos. Sobre o concílio de setembro, Berengário alegou, anos mais tarde, que as teses atribuídas a ele foram julgadas sem que alguém de fato as conhecesse. O mestre afirmou, inclusive, que mesmo ele não tinha perfeita clareza de sua sentença sobre a eucaristia naquele

⁷⁸ BOSCH, Rafael. *Op. cit.*, p. 43-4.

⁷⁹ MONTCLOS, Jean de. *Op. cit.*, p. 65.

⁸⁰ “*Bérenger espérait peut-être aussi gagner à sa cause un monarque qui, selon une tradition remontant aux origines de la dynastie capétienne, portait le titre d’abbé de Saint-Martin de Tours*”. *Ibid.*, loc. cit.

⁸¹ “*ego ob reverentiam pontificatus Romani multo Romam iter labore susceperam et, ut irem securius, ad regem Francie, ecclesiae cuius eram clericus abatem, accesseram, nichil a regia dignitate, nichil ab abatis paternitate sinistrum expectabam, [non] ab Ierusalem descendere in Ierico sed ab Ierico in Ierusalem conscendere cogitabam, cum me carcerandum hac rebus omnibus expoliandum cuidam dedit*”. BERENGÁRIO DE TOURS. *Rescriptum contra Lanfrannum*. In: HUYGENS, R. B. C. (Ed.). *Berengerius Turonensis Rescriptum contra Lanfrannum*. Turnholti: Brepols, 1988, p. 46-7.

⁸² MONTCLOS, Jean de. *Op. cit.*, p. 78-9.

momento, o que mudaria com seus estudos posteriores das escrituras.⁸³ As condenações se deram, portanto, sem possibilidade de defesa.

Godofredo, do mesmo modo, não obteve relaxamento das penas. No final de 1050, pouco após a libertação de Berengário, o bispo Eusébio Bruno preparou sua defesa e a do conde em uma carta – sabe-se que o fez com ajuda de Berengário⁸⁴ – e a enviou ao papa por meio de outro prelado, possivelmente Guido, arcebispo de Reims.⁸⁵ No texto, os autores relembram a viagem de Eusébio a Roma, na qual não foi recebido por Leão IX,⁸⁶ e afirmam que Godofredo gostaria de se encontrar com o papa, mas que não pode porque seus inimigos conspiram dia e noite contra ele.⁸⁷ Os pontos altos da defesa, contudo, estão nos últimos parágrafos. Para a defesa do conde, os autores acusam o papa de se envolver em assuntos seculares e de defender causas injustas.⁸⁸ Para a defesa do arcediogo, afirmam que Berengário foi injustamente condenado pela imoderação do papa, mas que não mais podem escrever por conta da pressa da viagem.⁸⁹

⁸³ *“Quod sententiam meam scribis Vercellis in consessu illo expositam, dico de rei veritate et testimonio conscientiae meae nullum eo tempore sententiam meam exposuisse, quia nec michi eo tempore tanta perspicuitate constabat, quia nondum tanta pro veritate eo tempore perpessus nondum tam diligenti in scripturis consideratione sategeram. Immo si quis sententiam, sicut scribis, in consessu illo exposuit meam, non tamen ius aecclesiasticum habebat absentem inadmonitumque aliquem debere dampnari, in quo solo, si omittantur alia, de concilii Vercellensis diligentia potest quam plurimum estimari. Illud quod nulla sit invalidum falsitate repetere, nullum qui meam de eucharistia pernovisset sententiam, quam tu Vercellis expositam scribis atque dampnatam, adfuisse illi consessui Vercellensi”*. BERENGÁRIO DE TOURS. Rescriptum contra Lanfrannum. *Op. cit.*, p. 48-9.

⁸⁴ GIBSON, Margaret. Letters and Charters Relating to Berengar of Tours. *Op. cit.*, p. 12.

⁸⁵ HALPHEN, Louis. *Op. cit.*, p. 123.

⁸⁶ *“Et quasi non esset propheta in Israel, quasi nihil mea auctoritas interesset, vel ut me omittam, quasi non esset in ecclesia, ad quem referenda, in quem conicienda essent ecclesiastica necessitate urgente preter ipsum negotia, omni excusatione sublata, omni necessitate prohibita, omni difficultate superata Romam veniendi, Romam multa animi et corporis fatigatione, non parvo rei familiaris detrimento perveni”*. EUSÉBIO BRUNO. 85: Bischof E(usebius Bruno) von Angers mit dem Grafen Gottf(ried Martell von Anjou) an den Erzbischof (Guido von Reims). In: ERDMANN, Carl; FICKERMANN, Norbert. *Briefsammlungen der Zeit Heinrichs IV.* Weimar: Hermann Böhlau Nachfolger, 1950, p. 145.

⁸⁷ *“Vult adoriatur iter Romam, non sub episcoporum, ad quod nullo pacto pervenire possit, purgandus examine, sed dandus in miseriam, necem inimicorum, qui adhuc noctes dies conspirant multiplici observatione?”*. EUSÉBIO BRUNO. 85: Bischof E(usebius Bruno) von Angers mit dem Grafen Gottf(ried Martell von Anjou) an den Erzbischof (Guido von Reims). *Op. cit.*, p. 146.

⁸⁸ *“Putat nesciat, quod experimentis quam pluribus maxime cognovit, arma tenenti omnia dare, quantum se attingunt, qui iusta negat? Dum iniuste dominus papa a comite, homine acutissimo, rerum legumque non mediocriter gnaro, quolibet exigit, facit, quod non decebat, apostolicam sedem, etiam que iuste exigebat, nihili pendit, maxime cum sit vir secularibus negotiis implicatus, in alterum pronior”*. *Ibid.*, p. 147.

⁸⁹ *“Ceterum ecclesie nostre clericum Beringer totius erroris, totius immunissimum culpe, per immoderantiam domni pape noveris iniustissime et sede apostolica indignissime diffamatum². Plura de*

As acusações de que Leão IX estaria condenando Godofredo em uma esfera fora de sua competência, a política secular, também está presente em uma outra carta, desta vez assinada pelo próprio conde e novamente escrita por Berengário. Nela, o mestre explica a situação da diocese de Le Mans, acusa Gervásio de incitar a violência do rei contra ele e contra as terras e ele confiadas por Deus.⁹⁰ Como afirma Margaret Gibson, “Berengário responde com o máximo sangue-frio: nenhuma palavra de desculpas, nenhuma sugestão de que Godofredo talvez tenha agido no calor do momento. Foi o bispo quem levou o conde além do limite suportável”.⁹¹

Quanto à referência a Berengário no final da carta, pouco sabemos além do que se pode deduzir. O arcebispo buscava alertar que era inocente ao arcebispo Guido, provavelmente esperando que seu superior o ajudasse na defesa frente ao papa. O pequeno recado pode, é claro, se dever à pressa na escrita, como alegado, mas também ao momento da querela: eram apenas as primeiras condenações de Berengário e é possível que estivesse um pouco perdido em sua defesa – seja pela busca de apoio um tanto dispersa, como a que o levou a Henrique, seja por não ter clara sua posição sacramental, como escreveu a Lanfranco. Montclos alega, por outro lado, que Berengário pode ter escrito sua defesa usando o nome de seu bispo e talvez sem o conhecimento deste.⁹² Não nos parece ser o caso. Até o momento, a associação do mestre com Eusébio e com Godofredo não havia sofrido abalo nenhum e os conflitos externos, com o rei e com o papado, mostravam-se mais importantes.

Apesar da atividade epistolar angevina, de nada adiantou a defesa do conde. A resolução do conflito com o papado se deu apenas com a morte de Hugo III, conde do Maine, que, como vimos, levou à libertação de Gervásio. Louis Halphen especula que a excomunhão de Godofredo e o interdito sobre Angers tenham sido retirados por Leão IX logo após a ida do bispo liberto para a Normandia, mas não há

illo tibi scribenda fuerant, si iam abeuntium festinatio permisisset. Quod tamen Domino donante maiore otio nos facturos esse disponimus. Valet. Ibid., loc. cit.

⁹⁰ “*et Francie regem concitat in pervasionem rerum, quibus me presidere voluit Deus*”. GODOFREDO MARTEL. 84: Graf Gottfried (Martell von Anjou) an Papst Leo (IX.). In: ERDMANN, Carl; FICKERMANN, Norbert. *Briefsammlungen der Zeit Heinrichs IV.* Weimar: Hermann Böhlau Nachfolger, 1950, p. 143.

⁹¹ GIBSON, Margaret. *Letters and Charters Relating to Berengar of Tours.* Op. cit., p. 12.

⁹² “*Bérenger, sous le couvert de son évêque, et peut-être à l'insu de ce dernier, proteste contre le jugement du concile de Verceil*”. MONTCLOS, Jean de. Op. cit., p. 101.

documentos que sustentem a declaração.⁹³ Tendo firmado sua aliança com Henrique I em 1052, Godofredo normalizará sua relação com o papado em 1055, ano da transferência de Gervásio para Reims.⁹⁴

Política senhorial e querela doutrinal

Como enunciamos neste artigo, nossa intenção era a de avaliar quais foram os possíveis impactos da atuação condal e diocesana nas primeiras condenações de Berengário. Ora, a atuação eclesiástica de Berengário em Angers estava completamente ligada ao exercício do poder senhorial do conde de Anjou, seja por meio do trabalho pastoral e administrativo junto aos bispos Huberto e Eusébio, seja por meio do trabalho de chancelaria prestado diretamente aos condes.

Além disso, desde o início do governo de Fulco Nerra, passando pela ascensão de seu filho Godofredo Martel e das alianças com condes, reis, bispos e imperadores, o condado de Anjou esteve em permanentes conflitos. Estes resultaram em uma grande expansão territorial e de influência, mas também em hostilidades. Neste meio, como escreve Gibson, “ele [Berengário] apresentou e justificou a política angevina. Ele estava tão completamente identificado com a expansão militar angevina quanto Lanfranco estaria com a normanda”.⁹⁵ Do mesmo modo, Constant Mews e Clare Monagle escrevem que “o envolvimento de Berengário na política angevina é vital para compreender não apenas o debate eucarístico no século XI, mas o processo maior por meio do qual uma aliança monástica pró-normanda foi capaz de apresentá-lo como um herege arquetípico”.⁹⁶

Analisamos, há pouco, a atuação de Eusébio e Berengário na defesa de Godofredo, quando da prisão de Gervásio. Voltemos ao tema e retomemos alguns pontos: (i) em 1043, Godofredo e sua esposa estabeleceram uma aliança com o imperador Henrique III por meio do casamento de Agnes, o que o tornou principal

⁹³ HALPHEN, Louis. *Op. cit.*, p. 125, n. 2. O autor afirma que a possibilidade de que a excomunhão e o interdito tenham sido retirados por Leão IX é “infinitamente mais provável” do que a hipótese segundo a qual a excomunhão de Godofredo teria permanecido até sua morte em 1060.

⁹⁴ *Ibid.*, p. 125, n. 3.

⁹⁵ GIBSON, Margaret. Letters and Charters Relating to Berengar of Tours. *Op. cit.*, p. 13.

⁹⁶ MEWS, Constant J.; MONAGLE, Clare. *Op. cit.*, p. 130.

inimigo do rei Henrique I até 1052; (ii) Gervásio, bispo de Le Mans, foi preso por Godofredo Martel entre 1047 e 1048, o que deu início a represálias papais que também se resolveram em 1052; (iii) Berengário, durante uma viagem em 1050, foi preso pelo rei francês e impossibilitado de comparecer a um dos concílios daquele ano,⁹⁷ (iv) somente entre 1049 e 1052, sete concílios foram reunidos – em Reims, Mayence, Roma, Vercelli, Brionne, Paris e Tours⁹⁸ – e em grande parte deles Berengário foi condenado junto de Godofredo, o primeiro pela doutrina eucarística, o segundo pela prisão de Gervásio; (v) no concílio de Tours, em 1054, após a profissão de fé de Berengário, a reação da assembleia foi de surpresa, uma vez que sua exposição parecia ortodoxa:

Compreende-se que os padres conciliares, ao ouvirem essas palavras saírem dos lábios do mestre da escola, não deixem de ficar extremamente surpresos. Eles podem razoavelmente se perguntar por que a questão berengariana tinha, nos últimos quatro ou cinco anos, provocado tanta comoção em toda a cristandade latina se, no final das contas, Berengário professava a crença eucarística comum. Portanto, eles presumem que o mestre de Tours acabara de mentir e que, acreditando em uma coisa, proclamara outra.⁹⁹

Parece-nos claro o cenário político instaurado e seu impacto na controvérsia. Entre os anos de 1043 e 1052, sobretudo a partir de 1047, Godofredo Martel e o condado de Anjou como um todo estavam isolados politicamente: de um lado, Henrique I e o duque Guilherme, do outro, Leão IX e demais bispos aliados de Gervásio. É justamente nesse momento que os casos de Godofredo e Berengário são levados a concílio, ou melhor, é após a convocação do conde, sob ameaça de excomunhão por parte do papa, que as ideias de Berengário circulam e chegam ao concílio. Não se trata de afirmar que havia um plano arquitetado contra Anjou, no entanto, como Louis Halphen escreveu ao tratar dos concílios de 1050, “a heresia de Berengário foi um novo elemento de discórdia [...] e o papa não hesitou em condenar

⁹⁷ MONTCLOS, Jean de. *Op. cit.*, p. 73.

⁹⁸ *Ibid.*, p. 562.

⁹⁹ *Ibid.*, p. 158. “*Cum ergo exigent, summaque iniuria, quia produci non poterat accusator qui a me audisset quod me dicere prius putaverant, cessi tamen consilio episcopi Andecavensis atque abatis Maioris Monasterii Alberti, qui me de scripturis habere certi erant quod dicerem, adhortantium ne tumultum compescere popularem suffugerem, cum scirent me revera idem habere in corde et in ore*”. BERENGÁRIO DE TOURS. *Rescriptum contra Lanfrannum. Op. cit.*, p. 53-4.

as doutrinas”.¹⁰⁰

Ainda que a doutrina de Berengário encontre diferenças diversas com o que outros mestres defendiam, as sucessivas condenações em concílios em que ele sequer debateu suas teses evidenciam o isolamento de Anjou frente ao reino e ao papado. Também é considerável o papel desempenhado pelos autores normandos, aliados a Guilherme e ao rei Henrique I: três tratados teológicos entre os anos 1050s e 1070s, um por década, escritos por Durand de Troarn, Lanfranco de Bec e Guitmundo de Aversa, respectivamente. Como afirma Margaret Gibson,

Marchar para Anjou nunca foi uma opção realista para Henrique I. Lanfranco e Guitmundo eram mais sensatos e um pouco mais preparados para enfrentar Berengário em seu próprio terreno linguístico. Mas ele foi percebido pelos três escritores como um inimigo a ser derrotado por todos os meios possíveis. Essa era a visão na Normandia: sem medidas intermediárias, sem julgamento suspenso, sem definições inclusivas, mas a demolição de erros conhecidos e autoevidentes. A disputa normanda com Berengário era uma luta até o fim.¹⁰¹

A associação entre os adversários normandos e seu duque era clara. No caso de Lanfranco, por exemplo, sua ligação com Guilherme era tão próxima que foi o duque quem o convidou a deixar Bec e ser o primeiro monge na abadia de Caen,¹⁰² onde possivelmente terminou o tratado escrito contra Berengário.¹⁰³ “O duque até o admitiu em seu círculo mais próximo de amigos. De fato, Guilherme tinha Lanfranco em tão alta conta que, de acordo com Guilherme de Poitiers, ele venerava Lanfranco como um pai, o respeitava como um professor e o amava como um irmão ou filho”.¹⁰⁴ Além disso, Lanfranco foi um dos principais responsáveis por advogar a favor de Guilherme quando o casamento do duque foi tema de debates conciliares.¹⁰⁵ Paraphraseando o trecho citado de Margaret Gibson, Lanfranco estava tão identificado com a expansão normanda quanto Berengário estaria com a

¹⁰⁰ HALPHEN, Louis. *Op. cit.*, p. 124.

¹⁰¹ GIBSON, Margaret. *Lanfranc of Bec. Op. cit.*, p. 15.

¹⁰² WATKINS, Priscila. Lanfranc at Caen: teaching by example. In: VAUGHN, Sally N.; RUBENSTEIN, Jay (Eds.). *Teaching and learning in northern Europe, 1000-1200*. Turnhout: Brepols, 2006, p. 72.

¹⁰³ COWDREY, Herbert. *Lanfranc: scholar, monk, and archbishop*. Oxford: Oxford University Press, 2003, p. 64.

¹⁰⁴ WATKINS, Priscila. *Op. cit.*, p. 72. Tradução própria.

¹⁰⁵ BOSCH, Rafael. *Op. cit.*, p. 176.

angevina.¹⁰⁶

Enfim, não nos parece que a querela se encerre na rivalidade entre Godofredo e Guilherme, ou entre mestres normandos e angevinos. Há, de fato, uma diferença nas formulações sacramentais apresentadas pelos clérigos e, tão importante quanto essa diferença, há uma indefinição do modo pelo qual o pão e o vinho se tornariam corpo e sangue de Cristo. O debate teológico se dá exatamente em torno da explicação da transformação, não da afirmação ou negação da presença divina. Como escreve Alain Rauwel, “este homem que a instituição definiu como herege não deve – e este ponto é essencial – ser visto como um inovador aventureiro, mas, ao contrário, como um defensor de posições seculares centradas no patrimônio do ‘sacramentário’ agostiniano: *sacramentum est sacrae rei signum*”.¹⁰⁷

Entretanto, o momento em que a questão emergiu modificou, em grande medida, o objeto de debate e a maneira como ele foi apresentado. Como exemplo mais imediato podemos citar a carta que Adelmano enviou a Berengário no início da década de 1050, na qual afirmou ter ouvido que seu antigo colega negava a presença de Cristo nas espécies eucarísticas.¹⁰⁸ Além disso, tamanho foi o impacto dos concílios entre 1049 e 1051 na percepção e caracterização das ideias de Berengário, que a profissão de fé do arcediogo no concílio de Tours, em 1054, causou surpresa por expressar a crença comum.¹⁰⁹

Fica evidente, portanto, que a participação ativa de Berengário na política angevina, assim como as ações expansionistas de Godofredo, a rivalidade com o duque Guilherme e a rebelião contra o rei francês foram determinantes para o

¹⁰⁶ GIBSON, Margaret. Letters and Charters Relating to Berengar of Tours. *Op. cit.*, p. 13.

¹⁰⁷ RAUWEL, Alain. Théologie de l'Eucharistie et valorisation de l'autel à l'âge roman. *Hortus Artium Medievalium*, v. 11, p. 177-182, jan. 2005, p. 177.

¹⁰⁸ “Avertat dominus a te, sancte frater, tales semitas et convertat pedes tuos in testimonia sua et mendaces ostendat qui famam tuam tam faeda labe maculare nituntur, spargentes usquequaque, ut non solum Latinas, verum etiam Teutonicas aures, inter quos iam diu peregrinor, repleverint, quasi te ab unitate sanctae matris aecclisiae divulseris et de corpore ac sanguine domini, quod cottidie in universa terra super sanctum altare immolatur, aliter quam fides catholica teneat sentire videaris, hoc est, ut illorum de te dictis utar, non esse verum corpus Christi neque verum sanguinem, sed figuram quandam et similitudinem”. ADELMANO DE LIÈGE. Adelmani de veritate corporis et sanguinis Domini en Eucharistia ad Berengarium epistola. In: GEYBELS, Hans; MANNAERTS, Pieter. *Adelmann of Liège and the Eucharistic Controversy: with a musicological study of the Rhythmus alphabeticus*. Leuven: Peeters Publishers, 2013, p. 62-4.

¹⁰⁹ MONTCLOS, Jean. *Op. cit.*, p. 158.

desenvolvimento da querela. Em outras palavras, parece-nos muito difícil que o mesmo debate encontrasse igual reação se iniciado em outras circunstâncias, por um mestre normando ou por um aluno de Lanfranco, por exemplo. Assim, longe de eliminar as diferenças teológicas, as relações estabelecidas pelos mestres em um contexto mais amplo somam-se a elas como fatores basilares para a compreensão da controvérsia eucarística.



Mapa 1: A França em 1030. ZIGEUNER. **Map of the France in 1030**. Disponível em: <https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Map_France_1030-fr.svg>. Acesso em: 3 jan. 2024.

Artigo recebido em 30/10/2024
Artigo aceito em 07/02/2025